



**O USO DA ARTETERAPIA NA PERSPECTIVA JUNGUIANA COMO
FERRAMENTA TERAPÊUTICA DE USO PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO**

Elisa Almeida Moreno¹

elisamoreno10871@soumaissantissimo.com.br

Humberto Justo Amoedo¹

humbertoamoedo10771@soumaissantissimo.com.br

Pós Dr^a Jeane Denise de Souza Menezes²

docente.jeannedenise@fsssacramento.br

Dr^a Samai Alcira Cunha²

docente.samaialcira@fsssacramento.br

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo pesquisar nas obras de Jung e autores contemporâneos de abordagem junguiana sobre o uso da pintura e da arte em geral como ferramenta terapêutica do psicólogo. Para tanto, o caminho metodológico adotado foi a abordagem qualitativa auxiliada pela pesquisa bibliográfica. Revisou-se na obra de Carl Gustav Jung o sentido no qual empregava a arte com os seus pacientes, partindo da própria experiência, no uso das artes e trabalhos manuais no desenvolvimento das suas teorias, bem como em diferentes autores que adotaram a abordagem junguiana, referências à arteterapia como ferramenta terapêutica no uso profissional do psicólogo trazendo, a partir de uma expressão não verbal, conteúdos imersos no inconsciente. Os resultados advindos do presente trabalho sinalizam que a arte se mostrou como um veículo importante regulador de grande valia terapêutica, como mecanismo transformador da pessoa, por meio da liberação dos conteúdos psíquicos mais profundos, tornando-os conscientes, oferecendo aos pacientes atividades que permitem expressar os seus pensamentos e sentimentos mais profundos que de forma natural e racional não conseguem verbalizar ou expressar

Palavras-chave: Arteterapia. Jung. Psicologia Analítica.

1 Discente do curso de Psicologia da Faculdade Santíssimo Sacramento

2 Docente da Faculdade Santíssimo Sacramento

1. INTRODUÇÃO

A arteterapia consiste na utilização de recursos artísticos para fins terapêuticos. Na atuação do psicólogo funciona como uma poderosa ferramenta trazendo, a partir de uma expressão não verbal, conteúdos imersos em toda a estrutura da psique, de forma que provoque uma estimulação dos processos criativos e explorando os recursos imaginativos que vão surgindo, permite-se ter uma materialização de imagens simbólicas, possibilitando a elaboração de significados que a fim de contribuir para ampliação de consciência e conseqüentemente promoção do equilíbrio psíquico. (REIS, 2015)

Ao buscar o sentido do que é a arte, pode-se encontrar muitas explicações sobre a mesma ser um produto de criação humana que transmite alguma coisa, que comunica. A arte é uma linguagem livre, pura e íntima, não há distinção de etnia, de crenças, de classe social, de gênero etc., ela permite que o cliente se aprofunde em sua essência que é única. Trata-se de valores e sentimentos que são encontrados nas cores, nas linhas e formas, um canal de escoamento. (MAGALDI, 2022)

A atividade da arte se baseia na capacidade que as pessoas têm de serem contagiadas pelos sentimentos de outras pessoas. Se um homem contagia outro, através de algum estímulo, ou pela aparência ou pelos sons que produz no momento em que experimenta um sentimento, se faz alguém bocejar, rir ou chorar quando ele mesmo ri ou chora por alguma coisa, ou sofrer quando sofre, isso ainda não é arte. A arte começa quando um homem, na intenção de comunicar aos outros um sentimento que ele experimentou, o invoca novamente dentro de si e o expressa por sinais exteriores. (TOLSTÓI, 2016)

Sob uma perspectiva analítica junguiana, a arte possui a capacidade de projeção simbólica de conteúdos internos conscientes e inconscientes, e junto com a psicoterapia esses conteúdos são trabalhados e integrados/reintegrados a consciência, possibilitando assim uma reorganização e reconhecimento de cada um de nossos aspectos, a união das partes para que se forme o todo, ou seja, uma expansão de consciência, colocando o indivíduo cada vez mais próximo da sua individuação, onde ele possa alcançar a totalidade de seus potenciais.

Verificamos que tanto nas obras de Jung no desenvolvimento da Psicologia Analítica, bem como na proposta de outros autores, o uso da arteterapia é uma ferramenta de grande importância no desenvolvimento do processo psicoterapêutico, de forma a contribuir para a

manifestação de conteúdos inconscientes e conscientes podendo acessar questões não resolvidas nos processos psicopatológicos do paciente.

Optamos por pesquisar nas obras de Jung e autores contemporâneos de abordagem junguiana sobre o uso da pintura e da arte em geral como ferramenta terapêutica do psicólogo. Jung transitou por diferentes áreas do conhecimento e a basta obra que elaborou propicia entrar em um universo cheio de possibilidades de pesquisa nas suas obras e que motivou que outros autores desenvolvessem suas teorias a partir da perspectiva e abordagem junguiana, possibilitando diferentes opções para desenvolvimento deste trabalho, onde se procura como objetivo específicos o aprofundar dentro da psicologia analítica, o uso da arte como mecanismo de comunicação com o inconsciente e conhecer sobre o uso da arteterapia na clínica psicológica, ou seja, o processo criativo e seu efeito catártico.

A escolha do tema deveu-se a que a arteterapia, além de estimular o processo criativo, se apresenta como um caminho de colocar o paciente em contato com seus conteúdos mais íntimos de uma forma expressiva mais leve e sutil.

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, o procedimento técnico metodológico é de pesquisa bibliográfica, nas obras de Jung e autores contemporâneos de abordagem junguiana sobre o uso da pintura e da arte em geral como ferramenta terapêutica do psicólogo e busca aprofundar no uso da arteterapia na clínica psicológica.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A arte surgiu com o homem e o acompanha em toda sua evolução social, e para além da relevância histórica ela também assume a função de alimentar a alma e gerar alívio em momentos complicados. Seja por meio da dança, música, teatro, poesia, pinturas, e quaisquer outras manifestações artísticas, ela tem um grande poder na promoção de bem-estar e transformação do ser humano, auxiliando na mudança do olhar do indivíduo sobre si e sobre o mundo, abrindo espaços para novos olhares e caminhos. (MACIEL; CARNEIRO, 2019)

Do ponto de vista histórico, a arte se faz presente desde a época da pré-história como forma mais primária de comunicação e expressão. A arte rupestre, os rituais de cura, danças, mímicas etc., expressavam a relação do homem consigo mesmo e com o contexto no qual se estava inserido. Com o passar do tempo os movimentos artísticos foram se modificando,

acompanhando o desenvolvimento do homem, assim como as questões próprias ao momento histórico e movimento cultural vigentes (Iluminismo, Romantismo, Surrealismos, etc.) E é a partir do século XIX que as mediações artísticas começam a ser utilizadas por psiquiatras e pesquisadores para fins terapêuticos, inicialmente para tratamentos das doenças mentais. (MACIEL,2012)

A partir de 1870, muitos estudiosos despertam o interesse pela relação arte-psiquiatria. Dos percussores que se interessaram pelo estudo da arteterapia temos os franceses Tardieu (1872), Charcot (1875) e Rejá (1907). Max Simon (1876) tenta estabelecer uma correspondência entre as patologias e o estilo de produção artística dos doentes, apontando para uma direção diagnóstica dos desenhos (MACIEL, 2012). Em 1906, Mohr realiza uma pesquisa comparando os trabalhos dos doentes mentais com os das pessoas saudáveis e de grandes artísticas, percebendo a presença de conflitos pessoais e de histórias de vida nestas criações, o que mais tarde veio a influenciar o desenvolvimento de testes psicológicos projetivos como Rorschach e o T.A.T. (Teste de Apercepção Temática). (CARVALHO; ANDRADE,1995). Os testes projetivos são amplamente utilizados, mesmo na atualidade, pois por meio destes, os pacientes projetam aspectos que serão utilizados na avaliação da personalidade, algum dos quais utilizam como base o desenho e a interpretação pelo psicólogo, como Casa-Arvore-Pessoa (HTP) (*House-Tree-Person*), desenho da família ou mesmo o teste palográfico.

Analisando sob uma perspectiva psicanalítica grandes obras como Moises de Michelangelo e A Gradiva de Jensen, de Da Vinci, Sigmund Freud também demonstrou grande interesse pela arte. Ele acreditava que as imagens eram projeções do inconsciente, como um caminho para sublimação das pulsões sexuais que deformadas se transformam em sintomas (MACIEL, 2012).

Porém, só passa a ser considerada um campo específico do conhecimento em 1941, pela psicóloga, educadora e artista plástica americana Margareth Naumburg, que fundou a escola de vanguarda Walden em Nova Iorque, incentivando a prática da expressão artística espontânea. Enquanto sua irmã, Florence Cane, trabalhava no campo da arte-educação, Margareth inclina seus interesses na Psiquiatria e Psicoterapia, aplicando a arteterapia em seu consultório sob uma orientação teórica psicanalítica. (MACIEL, 2012)

A experiência com a arteterapia se deu de forma bastante íntima para Carl Gustav Jung. Após o rompimento com Freud, Jung viveu um longo período de dúvidas existenciais que o levou a descoberta do poder transformador da criação expressiva. Ele viveu uma experiência

de ser invadido por imagens e vozes que emergiam de forma espontânea de sua psique e buscou, por meio da escultura, escrita, desenho e pintura, compreender seus significados, experimentando assim seu próprio método. (MACIEL; CARNEIRO, 2019)

A prática vem sendo fundamentado por outras abordagens teóricas também, como a Gestalt- terapia, linhas sistêmicas, transpessoal e o psicodrama de Moreno. (MACIEL; CARNEIRO, 2019)

Carl Gustav Jung empregava a arte com os seus pacientes, partindo da própria experiência no desenvolvimento das suas teorias. No Brasil, temos a grande precursora da Arteterapia sob a abordagem Junguiana, a psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999) que teve uma relação de proximidade com Jung no âmbito profissional. Nise revolucionou a metodologia de tratamento dos pacientes psiquiatras do Rio de Janeiro na época de 1950, se contrapondo ao uso de eletrochoques, lobotomia e oferecendo aos seus pacientes um tratamento muito mais humanizado com a utilização de recursos artísticos. Com diferentes matérias, Nise ofereceu aos internos diversos ateliês expressivos, com objetivo de ter acesso as imagens vindas do inconsciente. Observou-se grande importância não somente no processo criativos como em especial aos efeitos das produções sobre os pacientes. (MACIEL; CARNEIRO, 2019)

O Conselho Federal de Psicologia, por meio da Resolução CFP Nº 02/01, considera a arteterapia como especialidade com a devida conceção de registro de título profissional sendo, por tanto, uma área de atuação profissional. A Associação Brasileira de Arteterapia (2001) define a mesma com sendo “um modo de trabalhar utilizando a linguagem artística como base da comunicação cliente profissional. Sua essência é a criação estética e a elaboração artística em prol da saúde”, enquanto, para a Associação de Arteterapia do Estado do Rio Grande do Sul. (2016). “É uma prática terapêutica realizada por profissional cadastrado na Associação, que utiliza os recursos expressivos (materiais gráficos, plásticos, sonoros, corporais e espaciais), a imaginação, a vivência simbólica e a verbalização nos processos pessoais ou do grupo, facilitando o autoconhecimento e a possibilidade de transformação para uma melhor qualidade de vida.”

A pesquisa bibliográfica centrou-se na revisão de textos de Carl Gustav Jung e obras e artigos de outros teóricos com abordagem dentro do universo junguiano, da psicologia analítica, e que centram as suas pesquisas no uso sobre o uso da pintura e da arte em geral como ferramenta terapêutica.

No desenvolvimento do trabalho foram consideradas principalmente as obras de Jung, “O homem e seus Símbolos”, publicada pela primeira vez em 1965, quatro anos depois da sua morte, consultada na sexta edição brasileira de 2016; “A Vida Simbólica”, publicada originalmente em 1977 e disponível no vol. 18 das Obras Completas, sendo a edição brasileira consultada de 2015; “A Prática da Psicoterapia”, de 1966 e disponível no vol. 16 das Obras Completas, utilizando no trabalho a edição de 2013, “O livro Vermelho”, uma espécie experimento em forma de diário onde Jung escreve sobre os seus sonhos e diferentes conteúdos que lhe vão surgindo, aproximadamente entre os anos 1914 a 1930, que não foi publicado até 2009, sendo consultada a sua edição de 2015, a obra “Psicologia e Alquimia”, de 1944, atualmente no vol. 12 das Obras Completas e consultada na edição 2016e, finalmente, “O espírito na arte e na ciência” de 1954, vol. 15 das Obras Completas, onde ele deixa claro que aspecto na arte deve ser o objeto de análise do terapeuta e traz exemplos com estudo de grandes obras artísticas.

Como autores que utilizaram a abordagem junguiana, destacamos a médica psiquiatra Nise da Silveira que fez estudos na Suíça e conheceu a Carl G. Jung, bem como intercambiou correspondência com ele. Os seus livros “Imagens do Inconsciente” e o “Mundo das imagens”. Nise da Silveira, desenvolveu o trabalho arteterapêutico no Hospital Psiquiátrico do Rio de Janeiro, particularmente em pacientes esquizofrênicos. Tornou-se um símbolo do movimento da psiquiatria social no Brasil, provando que o tratamento mais humanizado e desenvolvido por meio de recursos artísticos tinha muito mais eficácia que os tratamentos oferecidos na época, destacando que “O médico que deseje comunicar-se e compreender o seu doente terá de partir do nível não verbal. É aí que se insere a ocupação terapêutica.” (SILVEIRA, 2004)

De entre outros autores, utilizamos os livros do psicólogo e autor também brasileiro Liomar Quinto de Andrade, “Terapias expressivas” e “Linhas teóricas em arteterapia”, que traz neles referências a que o acesso ao conhecimento do mundo interior é propiciado pelo fato de fazer arte. E a autora Irene Gaeta, com o livro “Psicoterapia Junguiana: novos caminhos da clínica” que aborda sobre o uso dos recursos artísticos na ampliação e desdobramento de potencial humano no processo de criação e do autoconhecimento, bem como estudos de casos utilizado a catatonia e arteterapia. (GAETA, 2010).

3. METODOLOGIA

O desenvolvimento da pesquisa, de abordagem qualitativa, sendo que o procedimento técnico metodológico é de pesquisa bibliográfica, foi dividido em duas partes, uma referente à ao uso da arteterapia na Psicologia Analítica e autores de abordagens junguiana, e uma segundo centrada na Arteterapia como método terapêutico e o seu uso na clínica psicológica.

De os métodos artísticos que podem ser considerados dentro a Arteterapia, nos centramos no presente estudo da pintura como forma de comunicação que se inicia no período infantil e que pode ser uma ferramenta de análise durante as diferentes fases do desenvolvimento humano, seja na adolescência, nos jovens, os adultos e idosos, de poderem expressar ou trazer os conteúdos do consciente e do inconsciente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No contexto atual em que estamos vivendo de pós pandemia, atravessando inúmeras crises, tanto por questões sanitárias e econômicas quanto pessoais, pois tivemos que nos isolar por certo tempo, mudar alguns hábitos, tendo que encarar nossas próprias angústias e nos adaptar a esse novo modo de viver, o acesso a arte tem promovido momentos de distração e de respiro em tempos de tantos excessos.

Dentro do *setting* terapêutico a arteterapia passa a ganhar espaço tanto no campo psiquiátrico como na terapia ocupacional, advindo a ser vista não somente como um legítimo canal de desenvolvimento humano, mas também como uma ferramenta diagnóstica reveladora.

4.1 JUNG, O HOMEM E SEUS SIMBOLOS.

Sob a esfera da psicologia analítica junguiana, observamos que há um entrelaçamento entre a Arteterapia com essa abordagem, em que o homem deve ser visto por inteiro, ou seja, como um todo, pertencente a uma comunidade, num determinado momento, não poderia, portanto, ser visto dissociado do seu contexto social, cultural e universal; e na Arteterapia esta possibilidade, de nos encontramos com o “todo”, é facilitado pelas expressões artísticas, que trazem os conteúdos do consciente e do inconsciente (JUNG, 2011)

Portanto, nas duas abordagens – Psicologia Analítica e Arteterapia – verificamos o conceito de unidade, onde há a superação da visão fragmentada da percepção da realidade para

que haja um desenvolvimento integral do ser na relação com ele mesmo, com o mundo e com o todo. Além disso, ambas as teorias se preocupam em promover mudanças de estado de consciência, para superar os sintomas e despertar sentimentos de paz, confiança, entrega, compaixão, amor, resultando em um estado de equilíbrio interior.

A psicologia analítica se destaca com sua abrangência, podemos olhar através dela por qualquer área da vida, seja religiosa, artística, filosófica, intelectual, qualquer uma que seja. Já que o objetivo da análise junguiana é a individuação, que consiste na consciência da totalidade das experiências da vida afim de atingir o máximo de seus potenciais. (MACIEL; CARNEIRO, 2019)

Além da análise do inconsciente pessoal que concordava com as análises de Freud a respeito, Jung destacou o inconsciente coletivo que são vivências com as quais já nascem com a gente de forma inconsciente que moldam e auxiliam as pessoas dando formas a narrativas de mitos, fenômenos religiosos, sabedorias e reflexos que não conseguimos explicar, é como uma estrutura da psique que se conecta com representações impessoais (padrões) presentes em um espaço comum a todos. No inconsciente coletivo estão os instintos herdados pela humanidade, que são carregados de aspectos culturais desenvolvidos e repassados ao longo da história, formando um conhecimento universal capaz de ser acessado por indivíduos em geral. (ASTRAL, 2019).

Muitas experiências que Carl G. Jung trabalhava tinham um certo padrão e que são nesses padrões, que ele chamou de arquétipos, que a psique se estrutura. Jung define os arquétipos como “representação essencial de conteúdos inconscientes, que se modifica através da conscientização e da percepção do indivíduo.” (JUNG, 2016). Estes são considerados elementos chaves para aqueles que buscam habilitar a vida em uma direção mais equilibrada e consciente, eles funcionam como figuras e estruturas independentes que se materializam de maneira inconsciente e que oferecem visões sobre o mundo e a sociedade, auxiliando o indivíduo a se guiar em relação a vida. (MACIEL; CARNEIRO, 2019)

4.2 COMUNICANDO-SE COM O INCONSCIENTE.

Toda a história da humanidade pode ser contada por meio das diferentes expressões artísticas que caracterizaram cada momento.

A psicologia analítica busca a compreensão da mente humana em sua essência, trabalhando com símbolos, mitos e sonhos que carregam os elementos estruturantes da psique a fim de ajudar o indivíduo a lidar com seus conteúdos inconscientes, trazendo luz a consciência para que estes sejam compreendidos, ressignificados e integrados e assim, o cliente desenvolva sua individualidade e possua uma vida mais equilibrada e saudável. (JUNG,2016)

Sendo a arte uma forma de expressão do inconsciente capaz de projetar nossas tendências, conflitos e potenciais criativos, ela funciona como um instrumento auxiliando o cliente a retornar para o seu processo de individuação, expandindo seus resultados terapêuticos quando interpretada e ampliada para maior compreensão, trazendo a possibilidade de desenvolver mecanismos para aprender a lidar com as partes de si mesmo e com a relação interior consigo próprio e com o mundo que nos cerca. Para Jung (2016), desde que o indivíduo nasce, ele já entra no processo de individuação e com o passar do tempo se desvia por conta de angústias, medos, inseguranças, transtornos e bloqueios.

Jung (2019) afirma que a arte, em sua manifestação, é uma atividade psicológica e, como tal, pode e deve ser submetida a considerações de cunho psicológico, pois sob esse aspecto, como toda atividade humana oriunda de causas psicológicas, é objeto da psicologia. No entanto, apenas aquele aspecto da arte que existe no processo de criação artística pode ser objeto da psicologia, e não aquele que constitui o próprio ser da arte, a estética artística. As considerações psicológicas se aplicam aos fenômenos simbólicos e emocionais. Não estamos nos referindo aqui sobre aquilo que belo, mas sim sobre aquilo que possui um sentido.

A arte pode extrair conteúdos extremamente íntimos, que estão emergindo da psique inconsciente, onde nada é absoluto, e que assim como o mundo externo, o inconsciente também afeta a nossa consciência. Portanto, os elementos pictóricos que não correspondem ao mundo externo, provem desse íntimo, desse inconsciente. A finalidade da terapêutica então é tornar os conteúdos inconscientes acessíveis e aproximá-los à compreensão. (MACIEL; CARNEIRO, 2019)

Jung (2016) destaca este caráter simbólico na arte moderna e como esta serve como via de escape para as forças interiores que fogem ao controle da pessoa, revelando uma significação psicológica às experiências que não consegue racionalizar.

Toda essa produção e expressão por meio da arte, destaca a força do símbolo, não somente de que este tem a função de analogia, substituição ou representação de alguma coisa;

para Jung (2016) o símbolo expressa o conteúdo psicológico nos processos mentais mais profundos do ser humano e que se manifesta dentro das expressões artísticas ao longo do século XX.

Em várias de suas obras sempre ressalta a importância da arte e dos símbolos para o acesso ao inconsciente. No Livro Vermelho, uma espécie de experimento em forma de diário onde Jung escreve sobre os seus sonhos e diferentes conteúdos que lhe vão surgindo, que recentemente foi publicado, escreve “a meu ver, a união da verdade racional com a verdade irracional deve ser encontrada não tanto na arte, mas muito mais no símbolo, pois é da essência do símbolo conter ambos os lados, o racional e o irracional” (JUNG, 2015, p. 51)

Nesse mesmo livro, em referência a uma carta de 1929 que Jung teria enviado para J.A. Gilbert, comentou sobre seu procedimento de incentivar ao paciente a fazer uso do desenho como forma de expressar os seus conteúdos mais especiais. Jung esclarece:

Descobri às vezes que é muito útil, ao tratar um caso desses, estimulá-los a expressar seus conteúdos peculiares seja na forma de escrita ou no de desenho e pintura. Existem tantas intuições incompreensíveis nesses casos, fragmentos de fantasias que brotam do inconsciente, para os quais quase não existe linguagem apropriada. Deixo meus pacientes encontrarem suas próprias expressões simbólicas, sua "mitologia. (JUNG, 2015, p. 52)

Encontramos também a importância do símbolo no livro a “Arte como instrumento no trabalho do psicólogo”, que acrescenta o poder de transformação presente na arte. Reis (2014) considera que os símbolos, quando apresentados por meio de conteúdo artístico, não devem ser vistos como mera expressão de conteúdo do inconsciente, mas como algo muito mais amplo, onde estes mecanismos psicológicos contribuem com o equilíbrio mental da pessoa.

Jung (2016) percebe esta liberação de conteúdos psíquicos na observação dos seus pacientes, que conseguem tornar conscientes os elementos mais profundos, o que permite entender os mesmos de uma forma mais ampla. Acompanhando as diferentes formas, singularidades e alterações presentes nos símbolos realizados pelos pacientes que estavam sob seus cuidados, percebeu que estes revelam mais informação sobre a vida dos pacientes do que as terapias convencionais conseguiam alcançar, permitindo a melhor compreensão e entendimento das circunstâncias que envolvem o histórico de vida do paciente, auxiliando no melhor encaminhamento do processo terapêutico.

Andrade (2000), descreve que Jung sugeria aos seus pacientes que pintassem livremente tudo o que viesse a sua mente, bem como o que lembrassem dos sonhos, onde a análise das imagens é entendida como uma simbolização do inconsciente, tanto individual quanto coletivo. O uso da arte e o do desenho livre fomentado por Jung, facilitava a interação verbal com o paciente e possibilita ao paciente organizar seu caos interior.

4.3 O PROCESSO CRIATIVO E SEU EFEITO CATÁRTICO.

A Arteterapia como o processo terapêutico utiliza as diferentes técnicas artísticas, a fim de auxiliar o cliente a se conhecer, por meio da pintura, escultura, desenho, dramatização e contação de histórias, o arteterapeuta mergulha junto com o cliente, num mundo imaginário e, ao mesmo tempo real, conduzindo-o na busca do autoconhecimento. E, neste processo, o cliente entra em contato com conteúdo submersos do inconsciente para reconhecê-los e aprender a viver da melhor maneira possível, preservando a saúde mental e corporal.

É importante destacar que o entendimento da prática é fundamental para possibilitar a condução do cliente que, a partir do processo, percebe a si mesmo e amplia seu autoconhecimento. (PESSANHA,2022)

Segundo a psiquiatra Carmen Lúcia de Santana do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, sob o ponto de vista médico, qualquer atividade artística promove sensação de bem-estar ao doente, facilitando assim o tratamento. (SOBRAL, 2003). Nesta linha, um estudo realizado no Reino Unido, por uma instituição de caridade e empresa social AESOP, concluiu que 66% dos clínicos gerais acreditam que as artes de fato desempenham uma função positiva na prevenção e tratamento de doenças. (JOSS, 2017).

Nise da Silveira, como grande estudiosa e conhecedora da obra de Jung, acrescenta as considerações dele com relação a função psíquica que a criatividade artística tem na pessoa, ressalta “Jung considerava a criatividade artística uma função psíquica natural e estruturante, cuja capacidade de cura estava em dar forma, em transformar conteúdos inconscientes em imagens simbólicas (SILVEIRA, 2001. p. 18)

Nesta perspectiva, destacamos a descoberta de caráter científico evidenciado no seu ateliê de pintura em um centro psiquiátrico por Nise da Silveira (2015), onde concluiu que o uso do desenho e pinturas espontâneos passavam a ter um grande interesse científico. Nise se surpreendeu da qualidade artística de muitos dos desenhos vindos de pessoas com problemas de personalidade e grande desagregação mental. O agir do paciente por meio da pintura, seria

um método apropriado para deixar a pessoa se inundar e expressar os conteúdos mais escondidos que moldaram a sua personalidade.

Essa ideia é reforçada no seu livro “O mundo das imagens”, quando acrescenta:

[...] a função terapêutica da arte era permitir a expressão de vivências não verbalizáveis por aqueles que se encontravam imersos no inconsciente, ou seja, em um mundo fora do alcance da elaboração racional, cabendo ao terapeuta a tarefa de estabelecer conexões entre imagens que emergem do inconsciente e a situação emocional vivida pelo indivíduo. (SILVEIRA, 2001, p.18).

Cobra grande importância o poder externalizar os conflitos e dramas interiores, causadores do aumento da carga psíquica positiva e responsáveis pela desordem e desequilíbrio mental responsáveis pelo sofrimento do paciente. Quando o paciente não consegue expressar de forma verbal estas angústias, a arte surge como uma forma de expressar as suas emoções, com o que consegue “despotencializar figuras ameaçadoras” (SILVEIRA, 2001)

É tanto que Nise da Silveira entendeu a importância da pintura com método terapêutico que vários dos seus livros são recheados de pinturas de internados no hospital psiquiátrico e as suas interpretações, bem como, muitas foram consideradas obras de arte e disponibilizada em exposições públicas de arte. Esta descoberta fez com que ela adviesse a entender que a função principal do uso de pintura nas atividades terapêuticas era a de criar oportunidades para que os pacientes encontrassem formas de expressão. Considera que o poder da arte é uma das mais importantes descobertas da psicologia moderna (SILVEIRA, 2015).

Em algumas situações o verbal parece ter certas travas para transmitir todos os conteúdos internos. Por outro lado, a linguagem das imagens possibilita tornar visível o que é invisível, valendo-se do simbólico numinoso, de modo que o inconsciente se mostra não só como uma reação, mas também como uma ação, ele prediz, alerta, abre horizontes, elucida. O pensamento antes de ser codificado em verbo foi uma imagem. E é neste diálogo com imagens simbólicas que surge a possibilidade captar e concretizar essas imagens promovendo a integração destes conteúdos na consciência. (MAGALDI,2022)

Gaeta (2010) caracteriza a relação com os instrumentos da arteterapia como facilitador de certas qualidades do processo expressivo, permitindo espontaneidade, fluidez, contenção,

diferenciação e livre expressão do funcionamento humano (sensório-motor, afetivos, perceptivo, cognitivo etc.). Considera três dimensões para estabelecer os limites e possibilidades que o uso de recursos plásticos propiciam na arteterapia. Uma dimensão de caráter físico, relacionado a quantidade do material gerado, bem como a natureza e composição. Uma segunda relacionada com a estrutura da experiência, ou seja, a forma de utilização dos instrumentos e materiais; e uma terceira dimensão que diz respeito ao nível de complexidade técnica relativo ao uso do próprio material utilizado.

Para Nise, a psicoterapia junguiana favorecia, por meio das atividades feitas manualmente, “o desenvolvimento das “sementes criativas” inerentes ao indivíduo doente” (SILVEIRA, 2015, p.111), dando visibilidade aos seus delírios e organizar o seu caos interior por meio da arte, conseguindo burlar, não de forma consciente, os mecanismos de defesa da psique e, por meio de tornar visíveis estes conteúdos, o paciente se libera da pressão psíquica por eles causados, atuando na organização dos seus processos mentais internos e, mesmo que timidamente, conseguir caminhar no processo de cura.

As imagens que surgem no processo terapêutico nada mais são que manifestação do self, sendo assim pode-se dizer que as ideias contidas na produção artística contêm seus significados remetidos a questões de possibilidade, ilusão, virtualidade, sonho, fantasia ou idealização. Contudo, a partir da criação da imagem simbólica, o indivíduo consegue transformar as ideias em uma figura real, tornando-se um fato materializado, criando assim uma relação de comunicação entre o inconsciente e consciente, conduzindo o sujeito a uma reestruturação de si mesmo. (GAETA, 2010).

Em sua teoria da compensação, Jung (1995) afirma que a escassez em um ponto cria o excesso em outro ponto. Quando se há uma comunicação interior com as imagens, o ego deixa sua posição passiva e interage com a imagem estabelecendo uma relação com o inconsciente, dessa forma abre-se um espaço para o não racional e o ego sai de uma posição mais narcisista e se abre a possibilidade da mudança. (GAETA, 2010).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arteterapia como especialidade da vem ganhando espaço dentro da área de psicologia, utilizado em diferentes abordagens terapêuticas. É conhecido que o desenho é um instrumento projetivo utilizado na avaliação de personalidade. Testes como o Casa-Arvore-

Pessoa (HTP) ou Desenho da família, onde o psicólogo interpreta os desenhos para identificar traços de personalidade escondidos no inconsciente, ou mesmo o teste palográfico, onde por meio da realização de traçados simples e com o uso de técnicas de análise da escrita que analisam os padrões como movimento, ritmo, gestos, de entre outros é possível revelar diferentes aspectos da personalidade.

Carl Gustav Jung talvez não tenha sido o primeiro, mais sim um dos pioneiros a relacionar a o uso da arte como uma forma de expressão do inconsciente, desenvolvendo todo um arcabouço teórico e prático que foi registrado em vários dos seus livros, abrindo caminho para que outros pesquisadores aprimorassem e desenvolvessem novas teorias e práticas terapêuticas.

O uso da arte tem se revelado, efetivamente, como espelho do inconsciente e fonte de equilíbrio da psique, promovendo o encontro do mundo interior com o mundo exterior, tornando conscientes os elementos mais profundos, o que permite entender os mesmos de uma forma melhor. Basicamente, estamos falando da expressão da subjetividade da pessoa por meio do uso das diferentes formas de arte, onde o importante não é a qualidade artística do desenho, mas sim o que com ela o sujeito quer expressar. Além do mais, o processo criativo em si, em que a pessoa se envolve plena e conscientemente, de pôr si já exerce uma ação terapêutica sobre o próprio indivíduo.

É uma área de atuação profissional reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia e é utilizado por diferentes abordagens, além da própria Psicologia Analítica abordada em este artigo, podemos citar também o uso na Psicanálise ou na própria Gestalt-terapia, ainda que com um enfoque diferente, onde alguns princípios de organização e leis de percepção visual que auxiliam e direcionam o processo psicoterapêutico. O uso da pintura em si já tem uma finalidade lúdica, que deixa o método de avaliação mais leve para o paciente, favorecendo um ambiente mais confortável, propiciando um melhor estabelecimento de *rapport* com o psicoterapeuta.

Os autores pesquisados consideram a pintura também como uma ferramenta para a avaliação psicológica. Ela é utilizada na arteterapia como recurso fundamental para o paciente expressar conteúdo do inconsciente que não consegue verbalizar ou manifestar de forma consciente. As pinturas, sejam elas mais sombrias, abstratas, com cores vivas, linhas retas etc., transmitem emoções, apresentam suas angústias e fantasias, expressam ideias, dão sinais, ou seja, nos trazem um modelo de comunicação que a pessoa não conseguiria por outras formas tradicionais.

Na abordagem junguiana da arteterapia, o psicólogo atua como um decodificador das mensagens e símbolos apresentados por meio das pinturas, no caminho da pessoa na sua autorrealização, facilitando a sua jornada por meio da arte mostrando, de uma forma simbólica, tanto o inconsciente individual quanto o coletivo. O desenho livre proposto por Jung, propicia um modelo de organização do seu caos interior. A diferença entre Jung e Nise, é que o primeiro colocava no psicólogo o papel da interpretação das imagens, enquanto para Nise, o importante é a interpretação e a força que a pessoa dá a sua própria obra, como a descoberta das próprias emoções, o que leva ao autoconhecimento.

Diante do exposto, a arte se mostrou um veículo importante para o tratamento do paciente, por meio da expressão de diferentes conteúdos mantidos no inconsciente, pois o fato de torná-los conscientes, revelasse como um processo regulador psíquico de grande valia terapêutica. Nesta perspectiva, a arte oferece aos pacientes uma ferramenta que lhes permite acessar aos seus pensamentos e sentimentos mais profundos que, de forma natural ou racional, não conseguiram verbalizar ou expressar, ajudando-os a estruturar e lidar com este conteúdo que, uma vez conhecido, possibilita a aplicação de recursos terapêuticos para a resolução dos conflitos.

REFERÊNCIAS

- AATERGS. **Associação de arteterapia do Estado do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <http://aatergs.com.br/aatergs>. Acesso em: 11/10/2022.
- ANDRADE, L. Q. **Terapias expressivas**. São Paulo: Veto. 2000.
- ANDRADE, L. Q. **Linhas teóricas em arteterapia**. M. M. M. J. de Carvalho (Org.), *A Arte Cura? Recursos artísticos em psicoterapia* p. 39-54. Campinas, SP: Editorial Psy II. 1995
- ARTETERAPIA. **Arteterapia colorindo vidas e despertando pessoas**. Disponível em: <http://arteterapia.com.br>. Acesso em: 07 nov. 2022.
- ASTRAL, Alto. **COLEÇÃO SABERES**. 100 Minutos para entender Carl Jung. Bauru, SP. Ed. Alto Astral, 2019
- FIORINDO, Priscila P. Arteterapia E Psicologia Analítica. **Revista Pandora Brasil**. São Paulo: n. 61, 2014 - ISSN 2175-3318
- FURTH, Gregg M. **O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte**. Editora Paulus. São Paulo. 2004.
- GAETA, Irene, **Psicoterapia Junguiana: Novos caminhos na clínica: o uso do desenho de mandalas e calatonia**. 1ed. Editora Vetor. São Paulo. 2010.
- JUNG, C. G. **Memórias, sonhos, reflexões**. 21 ed., A. Jaffé, Ed., D. F. Silva, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001
- JUNG, Carl G., **O homem e seus Símbolos**. 6 ed. Editora Nova fronteira. Rio de Janeiro— RJ. 2016
- JUNG, Carl G., **O livro Vermelho**. 4 ed. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2015
- JUNG, Carl G., **O espírito na arte e na ciência**. 8 ed. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2019.
- JUNG, Carl G., **Símbolos da transformação**. 5 ed. Obras Completas. Editora Vozes. Petrópolis. 1995.
- LESSER, Casey, **Why Your Doctor May Be Prescribing Art Classes in the Future**, 2018. Disponível em: <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-doctor-prescribing-art-classes-future>. Acesso em: 30 out. 2022.
- LELIS, Yara N., *et al.* **Arteterapia na Abordagem Junguiana**. Revista Científica Univiçosa–Viçosa-MG: Volume 10 - n. 1 Jan/Dez 2018
- MACIEL, C.; CARNEIRO, C. **Diálogos criativos entre a Arteterapia e a Psicologia Junguiana**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.
- MAGALDI, Waldemar. **Arteterapia e expressões criativas**. Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa, 2022.
- MAGALDI, Waldemar. **Discorrendo sobre a arteterapia**. Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa, 2022.
- MATARAZZO, Fabíola **A Arteterapia na preparação psicológica de atletas: uma abordagem junguiana**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. São Paulo. 2013

PHILIPPINI, Ângela. **Universo junguiano e arteterapia**. Universidade Candido Mendes Pró-reitora de Planejamento e Desenvolvimento, Diretoria de Projetos Especiais. 1995.

PESSANHA, Bárbara. **O uso da tinta acrílica no processo arteterapêutico**. Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa, 2022.

REIS, Alice Casanova dos, **Revista psicologia: ciência e profissão**. v.34, n.1, p. 142-157. CESUSC – Santa Catarina. 2014.

REIS, Alice Casanova dos. **Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo**. Silveira, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2015

REIS, Alice Casanova dos. **Livro Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo**. CESUSC – Santa Catarina. 2014

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática. 2001

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Editora Vozes. RJ. 2015

SOBRAL, Luciana, A arte é um eficaz tratamento para pessoas com problemas emocionais ou de saúde, **Revista Época**, Diário de São Paulo. 2003

TOLSTÓI, Leon. **O que é arte?**. São Paulo, Ed. Nova Fronteira, 2016.

VON FRANZ, M. L. **O processo de individuação**. In C. G. Jung, M. L. von Franz (Orgs.), **O homem e seus símbolos** M. L. Pinho, (trad)., p. 158-229. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1997